

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

## Mv Bill – O intelectual negro nas esferas da insurgência<sup>1</sup>

Sayonara Amaral<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando que o hip-hop nacional tem se configurado em um espaço fecundo para o surgimento de jovens intelectuais da cultura popular negra contemporânea, neste trabalho, discutem-se aspectos da crítica sociocultural ativada nos discursos do rapper MV Bill. Toma-se o conceito de intelectual negro insurgente, cunhado por Cornel West, a fim de interpretar a postura assumida por MV Bill no questionamento aos “regimes de verdade” que insistem em excluir e segregar a população negra no país. A partir de trechos colhidos de sua produção poética e também de depoimentos prestados pelo rapper, enfoca-se o modo pelo qual são aí veiculadas políticas de resistência e de auto-afirmação identitária, construídas na contramão das representações responsáveis por escamotear conflitos etno-sociais.

Palavras-chave: Mv Bill; Hip-hop; Intelectuais negros; Crítica social

**ABSTRACT:** Since the national hip-hop has been configured in a fertile space for the appearance of young intellectuals in the contemporaneous black popular culture, in this work, it is discussed social-cultural aspects activated in the speech of the rapper MV Bill. The concept of appearing black intellectual is taken, coined by Cornel West, in order to interpret MV Bill's position in the issue of the “regimes of truth” which insist in excluding and segregating the black population in Brazil. Based on extracts of the poetic production and also from the testimony born by the rapper, it is then focused on the way which policies of resistance and self - identification are transmitted, built on the way back of representations responsible for conjuring ethnical – social conflicts.

Key words: MV Bill, Black intellectuals; Social critic

Por amor à melanina  
coloco em minha rima  
versos que deram a volta por cima

(*Mv Bill* – “O Preto em movimento”)<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de reflexões empreendidas na disciplina Estudo de Expressões Identitárias, ministrada pela Professora Dra. Florentina da Silva Souza, em 2006, no Curso de Doutorado em Letras da UFBA.

<sup>2</sup> Professora de Literatura na Universidade do Estado da Bahia. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [sayo22@terra.com.br](mailto:sayo22@terra.com.br).

<sup>3</sup> In: MV BILL. *Falcão – O Bagulho é doido*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2006. 1 disco compacto (35.32 min.): digital, estéreo.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

O hip-hop nacional tem se configurado em um espaço fecundo para o surgimento de jovens intelectuais da cultura “popular” negra. Entendo por cultura popular não um domínio essencializado, espaço simbólico uniforme, fechado sobre si mesmo e infenso a diálogos e transformações. Stuart Hall adverte sobre essa questão, quando afirma que tais formações culturais não são puras, pois, além de englobarem mais de uma tradição cultural, são também produto de “sincronizações parciais”, de “negociações entre posições dominantes e subalternas”, de “estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação”.<sup>4</sup> Elas ainda se caracterizam por abarcar desde formas tradicionais a elementos da atual cultura massiva e práticas contemporâneas de produção e consumo culturais.

Na perspectiva de Hall, o caráter híbrido, multiforme e alargado dessas configurações não impede, porém, que se identifique no significante *negro*, inserido na expressão “popular”, uma marca afirmativa da experiência e da produção negras, agenciadas como *diferença* perante o repertório ideológico da cultura dominante – “as contranarrativas negras que lutamos por expressar”.<sup>5</sup> É nesse registro que penso os jovens intelectuais negros do hip-hop nacional. A relevância de suas atuações está não somente em firmarem saberes e visões de mundo, configurarem valores e negociá-los, mas sobretudo em construírem políticas de resistência e de elevação da auto-imagem de suas comunidades e, por que não dizer, de si mesmos.

Considerando tanto o contexto de enunciação quanto as orientações ideológicas da chamada cultura hip-hop, distantes estamos daquelas formulações do popular que se definem pelo cultivo dos hábitos, costumes e tradições de um povo, constituintes de um imaginário regional ou nacional. Numa trilha diversa, o cenário do hip-hop é a cultura *pop* contemporânea, composta pelas novas tecnologias de mídia e amplos mercados de bens culturais, a partir dos quais se estabelecem vínculos identitários transnacionais. Em sua emergência, o hip-hop já representa essa formulação transcultural da diáspora negra, ao

---

<sup>4</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. (Et al.). Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. P. 343.

<sup>5</sup> Id. Op. Cit. P. 344

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

nascer da confluência de expressões artístico-culturais das comunidades afro-caribenhas e afro-americanas, espalhando-se por diversas partes do mundo, onde foi adquirindo conotações locais.<sup>6</sup>

Segundo Michael Herschman, no Brasil, inicialmente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, o hip-hop assim como o funk vêm a reboque da cultura *black* dos anos 1970, tendo contado com o apoio do Movimento Negro em muitas de suas manifestações iniciais.<sup>7</sup> Constituída pelo break, o grafite e, especialmente, o rap – que se sobressai como uma de suas maiores forças de expressão na atualidade –, a cultura hip-hop atinge hoje uma ampla envergadura junto às populações periféricas de todo o país, tendo ganhado recentemente maior abertura nos espaços da mídia e da indústria cultural brasileira.

Para além de um estilo performático irreverente ou de uma “estética de rua”, como por vezes é reconhecido e até “estereotipado”, o hip-hop representa um espaço de negociação simbólica a partir do qual são veiculadas políticas e práticas de transformação sociocultural e de auto-afirmação da cultura negra, na contemporaneidade. A essa dimensão política, que atravessa e envolve a dimensão estética, deve-se o investimento de muitos de seus líderes, especialmente os rappers, cujas poéticas e pronunciamentos ácidos priorizam críticas contundentes à sociedade e à cultura.

A postura assumida pelas lideranças do *rap* nacional em muito se aproxima da posição defendida por Cornel West para o intelectual negro contemporâneo: a *insurgência*. No seu texto “O dilema do intelectual negro”, Cornel West fala para (e a partir de) a sociedade norte-americana, dirigindo-se a intelectuais negros da esfera acadêmica, o que implica em relativizar a sua aproximação do nosso foco de discussão. Mas acredito que o conceito por ele

---

<sup>6</sup> Ao situar o hip-hop nas conexões da diáspora, Paul Gilroy define-o como sendo o “último produto de exportação da América negra”, cujo sucesso é “construído em estruturas transnacionais de circulação e de troca intercultural há muito estabelecidas.” CF. GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid. Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001. P. 182.

<sup>7</sup> Segundo o autor, *O Tiro inicial* – um dos primeiros discos de rap gravados no Rio de Janeiro, em 1993 – contou com o apoio do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas. Cf. HERSCHMANN, Michael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. P. 185.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

agenciado pode ilustrar uma reflexão sobre figuras representativas do hip-hop, a exemplo de Mv Bill.

O teórico norte-americano pontua determinadas orientações a serem adotadas pelo intelectual negro insurgente, dentre as quais destacarei aqui duas. A primeira diz respeito à necessidade de os intelectuais não se desvincularem das comunidades a que pertencem ou a que devem atender no sentido de lhes prestar a competência de seus conhecimentos. West toca, lateralmente, no conceito gramsciano de intelectual orgânico, quando evoca os pregadores, músicos e demais artistas negros norte-americanos.<sup>8</sup> Segundo o autor, os novos intelectuais insurgentes devem tomar como exemplo essas tradições, cujo mérito está não somente na riqueza de suas realizações artístico-culturais, mas especialmente no fato de contarem com o suporte da comunidade, a partir do qual a sua força de atuação é ampliada.

No caso de um intelectual do hip-hop, como Mv Bill, não há muitas dificuldades em identificar os laços que são criados com as suas comunidades e as relações de solidariedade e apreço que aí se constroem. Nos seus *raps*, Mv Bill freqüentemente frisa a sigla CDD (Cidade de Deus) como um grito de guerra. O primeiro CD, *Traficando Informação* (1999), traz uma canção que é totalmente construída com nomes de favelas cariocas, proferidos num elenco ininterrupto de citações. Segundo Ione da Silva Jovino, esse é um procedimento recorrente para a maioria dos autores de rap, que, ao colocarem em suas letras o nome de seus bairros, buscam “refúgio na identidade local”, demarcando o território da periferia como um espaço de pertencimento.<sup>9</sup>

Na esteira da proposta apresentada por Cornel West, acrescento que a relação entre Mv Bill e a periferia extrapola a noção de pertencimento situada pela referida autora. Se o rapper busca refúgio na periferia para marcar a sua identidade local, a periferia, por sua vez, encontrará nele também o seu refúgio, haja vista a sua atuação efetiva em trabalhos comunitários, criando rotas alternativas de inserção social para os jovens moradores das

---

<sup>8</sup> Cf. WEST, Cornel. The dilemma of the black intellectual. In: *The Cornel West: reader*. Basic Civitas Books, 1999. P. 306.

<sup>9</sup> JOVINO, Ione da Silva. A Juventude e o hip-hop. In: Revista *História Viva* - Temas Brasileiros. Ed. 03 - Mar/2006.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

favelas e suas famílias. A CUFA – Central Única das Favelas –, Ong que ele idealizou e dirige juntamente com Celso Athayde, constitui-se num desses trabalhos de participação social, através do qual se promovem e veiculam publicações de livros, discos, vídeos, programas de rádio, shows, festivais de música, cinema, oficinas de arte, exposições, seminários, dentre outros.<sup>10</sup>

Incluem-se na sua plataforma de trabalho os vídeos-documentários realizados sobre os menores no tráfico de drogas, dos quais resultam os livros que fez com parcerias – *Cabeça de Porco* (2005) e *Falcão: meninos do tráfico* (2006). Além dessas produções, Mv Bill também ministra palestras em associações e escolas de bairros carentes. Reunidas, todas essas atividades permitem situá-lo como um “trabalhador da cultura” – conceito utilizado por Joel Rufino dos Santos para definir, na esteira do intelectual orgânico, o intelectual do povo em potência.<sup>11</sup> Na medida em que o apoio das comunidades é fundamental para consolidar o estatuto dos intelectuais negros insurgentes, Mv Bill já pode incluir-se nesse *hall*, graças à sua força de intervenção junto ao público que assiste e ao respaldo que deste tem obtido.

Porém, ainda na abordagem de Cornel West, o diálogo do intelectual negro com as comunidades não será suficiente para definir a insurgência, já que esta não prescinde de um exercício crítico singular. Aqui, assinalo a segunda das orientações que destaquei nas propostas de West e que considero a mais relevante: trata-se de tomar como objetivo o questionamento aos “regimes de verdade” das sociedades em que vivemos.

Definido por Michel Foucault, o conceito de “regimes de verdade” compreende os tipos de discursos que uma sociedade “acolhe e faz funcionar como verdadeiros”, produzindo efeitos regulamentados de poder.<sup>12</sup> Ainda que coloque ressalvas ao que define como sendo o modelo teórico foucaultiano e afirme que este não se constitui em limite para a atividade

---

<sup>10</sup> Dados extraídos de: <http://www.cufa.com.br/quem.htm>. (última consulta: maio de 2006)

<sup>11</sup> Por “trabalhador da cultura” ou “intelectual do povo” Joel Rufino dos Santos entende aquele intelectual que “busca fecundar a sua condição de porta-voz dos pobres com elementos da ordem moderna”. Cf. SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004. P.148.

<sup>12</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. P.12.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

crítica do intelectual insurgente, Cornel West destaca a importância desse conceito, convocando os intelectuais negros, seus conterrâneos, a questionarem os discursos de verdade e poder euro-americanos, os quais devem ser “desmistificados, desconstruídos e decompostos”.<sup>13</sup> Nesse propósito, segundo o autor, a tarefa central dos intelectuais negros da atualidade é “estimular, acelerar e habilitar percepções e práticas alternativas para desalojar discursos e poderes prevalentes”,<sup>14</sup> a fim de deflagrar a insurgência negra.

Tanto nas suas composições quanto nos seus depoimentos junto à mídia, Mv Bill traz como alvo de crítica social temas variados, a exemplo da violência urbana, da miséria nas favelas e, especialmente agora, do problema do tráfico de drogas entre menores. Acredito, porém, que no tocante à projeção da insurgência negra, um dos regimes de verdade que o rapper procura desmontar se resume na seguinte frase: “Durante séculos a gente se escondeu atrás de uma democracia racial que não existe.”<sup>15</sup>

Nessa fala, declarada em uma de suas entrevistas, Mv Bill confirma uma característica assinalada por George Yúdice acerca da política identitária dos movimentos jovens na periferia. Segundo o autor, os ativistas do hip-hop promovem a desestabilização da “cultura do consenso”, que, a fim de atender aos interesses da classe dominante, forjou a idéia de uma “miscigenação pacífica” em terras brasileiras. Essa opinião é comungada por Julio César Tavares que, ao descrever Mv Bill como um tipo de “etnógrafo nativo”, dirige-lhe o seguinte comentário:

A atitude proposicional do rapper torna a sua função ainda mais cruel, ao colaborar com a rede sistemática de desconstrução do sonho do Brasil pacífico, do Brasil cordial, do Brasil homogêneo e harmônico. O Brasil, como uma só nação e um só povo. O relato de Bill, pelo contrário, nos revela os outros Brasis possíveis, O Brasil heterogêneo, permanentemente conflitivo e, ainda, cognitivamente escravocrata e colonial.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Id. Op. Cit. P. 313.

<sup>14</sup> Id. Loc. Cit.

<sup>15</sup> Cf. [www.globalproject.info/1803.html](http://www.globalproject.info/1803.html). (Essa fala encontra-se numa entrevista concedida por Mv Bill em outubro de 2003)

<sup>16</sup> TAVARES, Julio Cesar. Atitude, crítica social e cultura hip-hop: a face afrodescendente dos intelectuais públicos brasileiros. Disponível em: [espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm](http://espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm). (última consulta: maio de 2006)

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

A heterogeneidade brasileira, as outras pátrias dentro dessa nação que se forjou uma e harmoniosa, encontra-se representada por Mv Bill nos seguintes versos:

Contraste social  
O povo pobre é que vive mal  
Eles querem negão dentro da prisão  
Estouram uma boca de fumo  
O traficante é preso  
Para alegria da polícia  
O traficante é preto.

(“Contraste Social”)<sup>17</sup>

Aqui se reúnem os temas centrais da poética de Mv Bill, extraídos da realidade vivida nas favelas e que se estende por todo o país: as mazelas sociais, o tráfico de drogas, a violência do racismo. Tais temas encontram-se mesclados porque apontam para situações experimentadas em simultâneo no cotidiano, dando conta dos valores hegemônicos de uma sociedade que exclui, persegue e mata a massa de indivíduos negros e pobres. Nos versos que frisam a identidade étno-racial do traficante como um dado significativo para a sua hostilização por parte dos poderes vigentes, fica evidente que o contraste social, aí tematizado, apresenta certas peculiaridades.

Esse olhar entrecruzado sobre a questão etno-social permite contemplar um aspecto relevante da postura crítica de Mv Bill, que expõe um contraponto em relação à perspectiva adotada por muitos de seus pares na cultura hip-hop. Segundo Michael Herschmann, ao entrevistar diversos grupos de jovens do funk e do hip-hop carioca e indagar-lhes sobre como concebiam a discriminação racial no seu cotidiano, estes “abordam a questão como sendo um preconceito de classe, que atinge o segmento social dos pobres e/ou favelados”.<sup>18</sup> Em

---

<sup>17</sup> Esse rap é uma faixa do primeiro CD de Mv Bill – *Traficando Informação*, lançado em 1999. A letra encontra-se disponível no site do autor: [www.realhiphop.com.br/mvbill/](http://www.realhiphop.com.br/mvbill/) - 2k (última consulta: maio de 2006)

<sup>18</sup> HERSCHMANN, Michael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. P. 68.



# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

entrevista ao *Jornal do MNU*, também o grupo de rap *Racionais Mc's* parece se posicionar de modo semelhante, confundindo as categorias de classe e raça, ao declarar que “O Racionais fala do povo negro, do povo pobre, do presidiário, da criança de rua, e aí nós não olhamos a cor”.<sup>19</sup>

No dizer de Florentina da Silva Souza, esse tipo de posicionamento expõe uma das dificuldades para a discussão sobre as desigualdades raciais no Brasil. Quando se trata do tema da exclusão, na medida em que o viés de classe supera o viés de raça ou nele se confunde, omite-se o fato de que o número de indivíduos negros e mestiços nas camadas sociais subalternas é muito maior do que o número de indivíduos identificados como brancos. Além do mais, a autora alerta para o fato de o mestiço funcionar, no discurso racista, “como um instrumento de hierarquização da discriminação e exclusão”.<sup>20</sup>

À diferença dos rappers entrevistados por Hershmann e também dos seus parceiros de *Os Racionais*, Mv Bill explicita que o racismo brasileiro está para além da condição de classe. Em depoimento à revista *Caros Amigos*, no ano de 2005, ele declara: “Racismo dos mais cruéis acontece dentro da própria favela, onde as pessoas têm teoricamente o mesmo grau de instrução, mesmo nível social, econômico (...). Quando saem pro asfalto acaba o mito de democracia, porque um tem a cor do poder e outro a cor da miséria.”<sup>21</sup>

Não lhe escapa também o fato de a discriminação racial funcionar pelas vias da hierarquização ou “gradientes de cor”<sup>22</sup>, nos termos de Florentina da Silva Souza, que favorecem o mestiço: “quanto mais escura a sua pele, maior a discriminação em cima de você. Isso faz com que a pessoa preta de pele mais clara se sinta superior a outra mais escura e assim vai...”<sup>23</sup>

A teoria de que a discriminação de classe supera a discriminação de raça funciona de modo a atravancar as discussões mais agudas e eficazes, que são tecidas para o combate ao

---

<sup>19</sup> Apud. SOUZA, Florentina da Silva. *Afrodescendência em Cadernos negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 214.

<sup>20</sup> Id. Loc. Cit.

<sup>21</sup> CAROS AMIGOS: entrevista explosiva: Mv Bill. São Paulo, jun. 2005, p. 36.

<sup>22</sup> Id. Op. Cit. P. 215.

<sup>23</sup> Entrevista disponível em: [www.globalproject.info/1803.html](http://www.globalproject.info/1803.html). (última consulta: maio de 2006)



# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

racismo. Como recorda Paul Gilroy acerca de um comentário de Stuart Hall, a raça é a modalidade na qual a classe é vivida.<sup>24</sup> Justificar a exclusão racial pela social, ou pior, diluir completamente a primeira em detrimento da segunda, é contribuir com o mito da democracia racial brasileira, acobertando os desmandos e injustiças que viemos sofrendo desde a experiência da escravidão e que perpetuam-se em nossos dias. Acredito que, mesmo não tratando dessa discussão com mais vagar, Mv Bill demonstra estar atento às suas nuances.

Um outro aspecto relevante da crítica ao racismo empreendida por Bill diz respeito ao “racismo disfarçado” ou “racismo por denegação”, conforme este é definido por Lélia Gonzalez. Segundo a autora, nas sociedades de origem latina, as teorias da democracia racial são providas pela ideologia do branqueamento, da qual resulta uma modalidade “sofisticada” de racismo. Veiculada pelos meios de comunicação massa ou pelos aparelhos ideológicos tradicionais, tal ideologia impõe aos povos negros e índios a crença de que os valores do Ocidente branco são o que há de verdadeiro e universal. Desse modo, “o desejo de enbranquecer” é “internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura”.<sup>25</sup> Como emblemas de resistência a essa forma “aprimorada” de dominação, a autora destaca a força das produções culturais dos povos oprimidos e das vozes que se erguem no sentido de analisar/denunciar o sistema vigente.

Mv Bill é uma dessas vozes que desmonta o edifício da denegação, e o faz, a princípio, em suas letras de rap. Nestas, o rapper não somente explora a representação de uma identidade negra orgulhosa e desafiadora, como também convoca a sua comunidade ou o seu público a tomarem uma mesma posição, rechaçando aqueles que sucumbem à “ideologia do branqueamento”:

Ainda tem cara que fica babando o ovo do playbozinho  
Mesmo sabendo que pelas costas é chamado de neguinho,  
mulatinho, escurinho, moreninho, macaco  
Nunca foi aceito, sempre foi tolerado

<sup>24</sup> GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid. Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001. P. 179

<sup>25</sup> GONZALEZ, Lélia. A Categoria político-cultural de amefricanidade. In: Revista *Tempo Brasileiro*, 92/93, 69/82, jan-jun, 1998. P. 76

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

(...)

Se liga preto por fora, branco por dentro.

(“Pare de babar”)<sup>26</sup>

Assumindo uma gramática e uma dicção agressivas, próprias à “atitude” hip-hop, Mv Bill insurge-se contra a condição de submissão de homens negros, que se rendem ao poder simbólico de homens “brancos”, privilegiados economicamente (os playboys). Denuncia-se o tipo de relação estabelecido entre ambos, e que, por parte do indivíduo privilegiado, ocorre segundo a moeda da falsa tolerância e não da aceitação ou entrega. O racismo, velado, já que se dá “pelas costas”, reproduz-se desde as nomenclaturas “amenizantes” da cor da pele, proferidas com ironia, no diminutivo, até o estereótipo depreciativo da animalização. Ressalta-se, aqui, o contra-apelo à conhecida expressão “preto de alma branca” – espécie de elogio indecoroso, freqüentemente usado no passado (hoje, talvez menos) para escamotear as diferenças raciais no Brasil. Uma vez recebida como forma de elogio, essa expressão serviu muitas vezes de fantasia de compensação para o que Frantz Fanon define por “menos-valia psicológica”<sup>27</sup>, oriunda do “sentimento de diminuição” que se desenvolve devido à internalização da ideologia do branqueamento.

Se na sua produção poética a crítica ao racismo por denegação se faz destacar, é nos seus depoimentos que esta se torna mais contundente, quando o rapper coloca de forma precisa a sua intenção em deflagrar a falácia da harmonia racial e em levantar o tema do racismo:

Às vezes, me consideram neurótico, complexado, que não tem auto-estima, porque eu tento levantar a todo momento a questão racial que, na minha opinião, é uma forma de violência. (...) A gente vive num país que tem um racismo covarde.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> O rap também faz parte do Cd *Traficando Informação* (1999). A letra encontra-se disponível em [www.realhiphop.com.br/mvbill/](http://www.realhiphop.com.br/mvbill/). (última consulta: maio de 2006)

<sup>27</sup> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983. P. 50.

<sup>28</sup> Entrevista disponível em: [www.globalproject.info/1803.html](http://www.globalproject.info/1803.html) (última consulta: maio de 2006)

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Referindo-se à recepção negativa que obtém acerca dos seus interesses pela questão racial, Mv Bill toca num ponto relevante para se pensar as “sutilizas” do racismo por denegação. Na medida em que assume e defende a identidade negra em contraponto à ideologia da harmonia racial, denunciando tal ideologia como um “regime de verdade” que acoberta a violência do racismo, o intelectual negro se vê confrontado com o argumento não menos racista de que possui “problemas” de auto-estima. A essa proposição, ele não se faz de rogado, advertindo e insistindo em um outro depoimento:

As pessoas não esperaram que um preto da favela com segundo grau incompleto venha levantar essas questões. As pessoas estão condicionadas a enxergar um cara preto, favelado fazendo samba, fazendo pagode, funk e em nenhum momento tendo algum tipo de questionamento social e quando isso acontece eu sinto que as pessoas acabam ficando chocadas, ‘não era para esse cara estar falando disso’.<sup>29</sup>

Mv Bill identifica no samba, no pagode e mesmo no funk representações da “cordialidade” nacional. Essa opinião é praticamente compartilhada pela maioria dos integrantes da cultura hip-hop, que, ao trazerem propostas politizadas e “conscientizadoras” em seus textos, consideram tais expressões culturais como reprodutoras da imagem de uma sociedade sem conflitos, devido à ausência de questionamentos críticos por parte de seus representantes. Quanto ao funk, este, ainda que seja irmanado ao hip-hop, em sua extração, não recebe acolhida dos rappers, já que trata de temas exteriores à questão etno-social.<sup>30</sup>

Discordo de que essas representações da cultura popular sejam destituídas de potencial crítico e de que não tenham exercido ou ainda não exerçam o seu efetivo papel de “contranarrativas negras”, na expressão cunhada por Hall. Porém, não há como ignorar que tanto o samba quanto outras representações da tradição cultural afro-brasileira foram incluídos naquela “cultura do consenso” que, segundo Goerge Yudice, é manipulada pela política, pela

<sup>29</sup> Entrevista disponível em: [www.globalproject.info/1803.html](http://www.globalproject.info/1803.html) (última consulta: maio de 2006)

<sup>30</sup> Segundo Michael Herschmann, há um clima de hostilidade em relação ao funk, pois os rappers consideram que este “não contribui para a conscientização dos indivíduos quanto a sua condição social ou mesmo racial”. Cf. HERSCHMANN, Michael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 183.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

mídia e pelo turismo, desde as primeiras décadas do século XX, a fim de encher os cofres da elite brasileira.<sup>31</sup>

No sentido de compor o ideário da nação una, homogênea e racialmente democrática, essas representações foram freqüentemente folclorizadas, extraindo-se delas o seu poder vital para ressignificá-lo segundo a conveniência da política racial branca. Tal procedimento reforça as coordenadas do racismo disfarçado, pois fornece visibilidade à cultura negra, escamoteando-se o fato de que esta se configura em uma “visibilidade segregada”<sup>32</sup>, ainda nos termos de Stuart Hall. Nos limites demarcados dessa visibilidade, constrói-se a imagem do homem folclórico que, segundo Abdias do Nascimento, “reproduz o *homem natural*, aquele que não tem história, nem projetos, nem problemas: ele possui de seu apenas sua alienação como identidade”.<sup>33</sup>

Cumprir observar que não se trata de entender os representantes ou produtores da cultura popular tradicional, ontem e hoje, como “alienados”, mas de compreender que a alienação lhes é imposta de fora, a partir do olhar e da tutela de uma “cultura de identificação branca”<sup>34</sup>. Nesse sentido, grifo a expressão usada acima por Mv Bill – “as pessoas estão *condicionadas* a enxergar” – como um viés reiterativo da compreensão fornecida por Abdias do Nascimento acerca da folclorização da cultura negra no país. Partindo desse pressuposto, pode-se orientar a interpretação da fala de Bill não apenas para o que desabona no pagode, no funk ou no samba, mas para o modo como entende uma determinação coercitiva dos lugares impostos à expressão do artista ou intelectual negro da cultura popular, freqüentemente circunscrito a essas representações culturais.

Na medida em que busca escapar a uma possível visibilidade segregada, Mv Bill dedica-se a mostrar que possui “história”, “problemas” e “projetos”. Desse modo, não é

---

<sup>31</sup> Cf. YÚDICE, George. *A Conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. p. 161

<sup>32</sup> Stuart Hall define a visibilidade segregada, dentre outros aspectos, como o modo através do qual a “diferença” da cultura negra pode ser cooptada, perdendo-se na espetacularização a sua capacidade cortante de deslocar as disposições de poder. (Cf. HALL, Op. Cit. P. 339).

<sup>33</sup> Cf. NASCIMENTO, Abdias. *A Bastardização da cultura afro-brasileira. O Brasil na mira do Pan-Africanismo*. Salvador: EDUFBA, CEAO, 2002. P. 175

<sup>34</sup> Id. Loc. Cit.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

apenas pelos discursos que profere, mas em si mesmo na condição de discurso, signo de transgressão, que o intelectual do hip-hop irrompe na paisagem contemporânea, desestabilizando os consensos e convocando à insurgência:

Tem o poder de mudar “rapá”  
Então passe para o lado de cá, vem cá  
Outra corrente que nos une  
A covardia que nos pune  
A derrota se esconde no irmão que não se assume  
Desperta sentindo a atmosfera que libera dos porões e te liberta  
Pode vir que tem  
Agbara, Ôminara, Português, Favelês ou em Ioruba, Axé  
(...)  
E deixar de ser um qualquer  
 (“O Preto em movimento”)<sup>35</sup>

Nesses versos, Mv Bill mostra que a sua crítica ao escamoteamento das desigualdades raciais no Brasil não se estanca na acusação dos estereótipos negativos impostos à representação do negro ou no ataque ao racismo por denegação. Para além da denúncia, importa o modo como incita à transformação, propondo a reversão dos signos e papéis de subalternidade, em favor de uma postura ativa.

Na letra do *rap*, os signos da corrente e dos porões, emblemas da escravidão, são ressemantizados em uma chave afirmativa, remetendo agora a uma outra forma de elo, em que a dor e a humilhação são abolidas para se declarar o orgulho de não ser “um qualquer”. No intuito de chegar a essa condição singular e positiva, é preciso entender que a punição não virá do “chicote do senhor”, mas da nossa possível “covardia”, que deve ser combatida a fim de se atender ao convite, deflagrado na expressão “pode vir que tem”. Nesse chamado, é oferecida a certeza da libertação, celebrada num dialeto que atravessa e congrega a favela, o Brasil e a África, retrazendo as sempre renovadas rotas da diáspora.

Cornel West afirma que o intelectual negro insurgente deve não apenas questionar os regimes de verdade vigentes, mas também criar “novos regimes de verdade”<sup>36</sup>, através de uma

---

<sup>35</sup> In: MV BILL. *Falcão – O Bagulho é doido*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2006. 1 disco compacto (35.32 min.): digital, estéreo.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

prática cultural coletiva e engajada. Acredito que as novas verdades formuladas por Mv Bill, assim como por diversos intelectuais do hip-hop, passam por essa altivez, que fere e ataca ao tempo em que semeia e orienta a direção de outros caminhos: “Tem que ser sangue bom com atitude/ Saber que é a caminhada é diferente pra quem vem da negritude/ Que um dia isso muda”<sup>37</sup>

Discutindo a política identitária do hip-hop na cena nacional contemporânea, Nelson Maca Gonçalves considera o *rap* como instaurador de um “mal estar” na cultura popular brasileira, por trazer essas vozes não cordiais, que desconstroem a imagem da pátria integrada e “sorridente” e colocam a nu as hostilidades de uma sociedade desequilibrada.<sup>38</sup>

Ao pontuar as propostas de auto-afirmação da consciência negra, agenciadas pelos rappers, o autor considera que a discussão das questões raciais alcançou um alto nível de elaboração no Brasil, porém ficou restrita a militantes ou à intelectualidade, enquanto a maioria da população negra ainda discute ou pratica minimamente a negritude.<sup>39</sup> Faço uma ressalva quanto à noção de “restrição” das discussões à militância ou à intelectualidade, haja vista a intervenção dessas categorias junto ao restante da população e os excelentes resultados que têm aí obtido – seja no sentido deflagrar as peculiaridades do racismo brasileiro, seja na perspectiva da auto-afirmação da negritude e do combate necessário pelos nossos direitos. Destaco, a esse propósito, a relevância dos Movimentos Negros nacionais, assinalada pelo próprio Mv Bill, quando declara: “não posso deixar de reconhecer que só tenho o espaço que tenho hoje devido à luta histórica desses movimentos.”<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> Id. Loc. Cit. P. 312.

<sup>37</sup> O Preto em movimento. In: MV BILL. *Falcão – O Bagulho é doido*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2006. 1 disco compacto (35.32 min.): digital, estéreo.

<sup>38</sup> GONÇALVES, Nelson Maca. Preto tipo A e Neguinho: de Mussum a mano Brown. In: *A TARDE*, Salvador, 8/5/1999, p. 4. – (Caderno Cultural).

<sup>39</sup> Id. Op. Cit. P. 3.

<sup>40</sup> Entrevista disponível em: [revistacult.uol.com.br/site\\_mvbill.htm](http://revistacult.uol.com.br/site_mvbill.htm). Essa fala nos mostra que, a despeito de ter levantado algumas críticas ao MNU, Mv Bill reconhece-lhe o mérito de ter aberto caminhos para as reflexões sobre negritude no país. Diante disso, acredito que o rapper assim como outros representantes da cultura hip-hop brasileira, de um modo geral, podem situar-se na linhagem dos Movimentos Negros nacionais. A esse propósito, Michael Hershmann chama a atenção para o modo como muitos dos jovens do hip-hop, por ele entrevistados, utilizam-se da expressão “movimento” em seus depoimentos. (Cf. HERSHMANN, Op. Cit. P. 185).



# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Porém, a partir desse aspecto tocado por Nelson Maca Gonçalves, acredito que o hip-hop, articulado no seio das camadas populares da sociedade, contribui para alargar e dinamizar ainda mais a força crítica, oferecendo também novos timbres às discussões. Como potencial, esses jovens intelectuais representam não somente um contra-ataque eficaz aos regimes de verdade que ainda insistem em excluir e segregar, por meio do racismo aberto ou disfarçado, a população negra do país. Eles apresentam também a possibilidade de reverter essas verdades a partir do seu próprio lugar de enunciação – negro e periférico – constituindo-se em exemplos de auto-imagem positiva para as comunidades de onde vêm e para as quais se dirigem com a contundência de suas posturas, discursos e intenções. É importante observar que o laço estreito com as comunidades não implica em confinamento das forças, já que as vozes insurgentes do hip-hop se expandem pelo Brasil e pelo restante do mundo, como atualmente tem sido notório no caso de Mv Bill. Que prossigam na jornada.

## REFERÊNCIAS

CAROS AMIGOS: entrevista explosiva: Mv Bill. São Paulo, jun. 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid. Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GONÇALVES, Nelson Maca. Preto tipo A e Neguinho: de Mussum a mano Brown. In: *A TARDE*, Salvador, 8/5/1999. – (Caderno Cultural).

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01  
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

GONZALEZ, Lélia. A Categoria político-cultural de amefricanidade. In: Revista *Tempo Brasileiro*, 92/93, 69/82, jan-jun, 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. (Et al.). Delo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HERSCHMANN, Michael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

JOVINO, Ione da Silva. A Juventude e o hip-hop. In: Revista *História Viva - Temas Brasileiros*. Ed. 03 - Mar/2006.

MV BILL. *Falcão – O Bagulho é doido*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2006. 1 disco compacto (35.32 min.): digital, estéreo

MV BILL; ATHAYDE, Celso. *Falcão: meninos do tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. A Bastardização da cultura afro-brasileira. *O Brasil na mira do Pan-Africanismo*. Salvador: EDUFBA, CEAO, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.

SOARES, Luiz Eduardo; ATHAYDE, Celso; MV BILL. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afrodescendência em Cadernos negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WEST, Cornel. The dilemma of the black intelectual. In: *The Cornel West: reader*. Basic Civitas Books, 1999.

YÚDICE, George. *A Conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

## WEBSITES:

[revistacult.uol.com.br/site\\_mvbill.htm](http://revistacult.uol.com.br/site_mvbill.htm)

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

[www.realhiphop.com.br/mvbill/](http://www.realhiphop.com.br/mvbill/) - 2k

[www.globalproject.info/1803.html](http://www.globalproject.info/1803.html)

<http://www.cufa.com.br/quem.htm>.

[espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm](http://espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm).